

BOLSA (/MERCADOS/BOLSA)

(/mercados/bolsa)

## Colocação da Sonae Retalho em bolsa reservada a institucionais

A dispersão em bolsa do portefólio de retalho da Sonae será feita através de venda directa a institucionais. Os particulares apenas vão poder comprar acções da nova empresa depois de ela estar cotada.



Alexandra Machado

[amachado@negocios.pt](mailto:amachado@negocios.pt) (<mailto:amachado@negocios.pt>)

22 de maio de 2018 às 23:20

Sonae já clarificou que parte do portefólio de retalho é que pretende colocar em bolsa. Mas ainda não comunicou como é que a dispersão na praça de Lisboa vai decorrer. As informações recolhidas pelo Negócios apontam para que a empresa opte por uma

venda directa a investidores institucionais. Ou seja, os pequenos investidores apenas poderão comprar acções depois de a empresa passar a estar cotada. Mas a Sonae ainda se fecha em copas.

A escolha dos bancos para o estudo do modelo indicia isso mesmo que a colocação será por venda directa a investidores institucionais, não se assemelhando ao que a própria Sonae fez com a Capital em 2008, quando optou por fazer um "spin-off", ou seja, uma cisão simples com destaque do negócio da Capital que foi atribuída aos accionistas da Sonae. Esta informação vai ao encontro do que outra fonte financeira acrescentou ao



Ricardo Castelo/Negócios

Negócios: "não é certo que seja um IPO (oferta pública inicial) tradicional, pois a empresa pode optar por uma colocação privada". A operação será como a que a EDP fez em 2008 na colocação da EDP Renováveis em bolsa, com a diferença que não haverá uma tranche destinada a pequenos investidores (particulares).

Esta perspectiva é também partilhada por algum dos analistas contactados. "Depois de ter sido dado a conhecer um sindicato bancário, a operação deverá ser feita através de uma venda a investidores institucionais", considera Albino Oliveira, analista da Patris Investimentos. A mesma perspectiva é partilhada pela equipa de "research" do BiG.

*Depois de ter sido dado a conhecer um sindicato bancário, a operação deverá ser feita através de uma venda a investidores institucionais.*

ALBINO OLIVEIRA

ANALISTA DA PATRIS INVESTIMENTOS

"O facto de a Sonae SGPS ter contratado bancos de investimento para reuniões exploratórias com investidores, sugere que poderá haver uma constituição de um livro de ordens para lançamento de parte do capital destas duas unidades (actualmente detidas a 100% pela Sonae SGPS) em mercado primário e, posteriormente, de forma natural, a negociação deverá decorrer em mercado secundário", defendem os especialistas.

"Relembramos que a Sonae SGPS ainda não tomou uma decisão final, mas a Sonae MC e Sonae RP são activos de relevo para a empresa-mãe, para os quais aparentemente tem havido apetite por parte de investidores", acrescenta a equipa de "research" do BiG.

No comunicado que enviou, segunda-feira, à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM), o conselho de administração da Sonae revelou que continua a analisar a possibilidade de colocar em bolsa parte

do portefólio de retalho da empresa, no qual a Sonae vai manter uma posição maioritária. A empresa co-gerida por Paulo Azevedo e Ângelo Paupério revelou ainda, como o Eco tinha avançado, que escolheu o Barclays, o BNP Paribas e o Deutsche Bank para organizarem reuniões exploratórias com potenciais investidores para a possível entrada em bolsa.

Estes bancos de investimento vão, nos próximos meses, avaliar o interesse dos investidores e desenvolver todo o trabalho que faltará até à colocação em bolsa que ainda deverá demorar "muito tempo" a ser concretizada, sublinha outra das fontes contactadas. O estudo até poderá alterar o perímetro dos negócios a colocar em bolsa, mas nada indica para já que isso aconteça. E desse estudo resultará, por outro lado, a formatação da operação.

Em Março, quando deu pela primeira vez nota da intenção de dispersar em bolsa o negócio de retalho, a Sonae revelou que "há interesse" por parte dos investidores em estarem expostos directamente ao retalho, já que o grupo está cada vez mais diversificado. "E sabemos pelo nosso desenvolvimento normal interno que existe vontade de dar mais autonomia às equipas de gestão e mais capacidades completas – e que também estamos em condições de o fazer porque temos essas equipas. Se houver interesse, vamos estudar. Nunca tivemos medo de ter muitas empresas cotadas, de ter de dar mais informação ao mercado, de estarmos mais sujeitos as críticas e às avaliações de analistas e à vontade de outros accionistas", sustentou o "chairman" e co-CEO, Paulo Azevedo, na conferência de apresentação dos resultados de 2017.

Já Ângelo Paupério, co-CEO, salientou que "em nenhum dos cenários se coloca sequer a possibilidade de perda de controlo da empresa", frisando que "é cotar integrado na estratégia de autonomização de negócios, que permite também ao mercado e aos investidores aceder directamente ao capital das empresas". E também que "não está em causa – estudado, pelo

menos – nada que passe por alterar a configuração" da "holding", pela cisão do negócio.

### **Que negócios vão para a bolsa?**

O portefólio de retalho potencialmente sujeito à entrada em bolsa inclui a Sonae MC, que detém o retalho alimentar, e a Sonae RP, que gere a propriedade imobiliária do retalho. As duas unidades combinadas geraram, no primeiro trimestre deste ano, um volume de negócios de 963 milhões de euros (não descontando as transferências intra-empresas) e um EBITDA subjacente de 55 milhões de euros. As propriedades integradas na Sonae RP têm um valor líquido contabilístico de 908 milhões de euros (em Março deste ano), que inclui 20 lojas Continente, 60 lojas Continente Modelo e 30 lojas Bom Dia. Já a MC possuía, no final de 2017, uma rede de 41 Continente, 131 Modelo, 96 Bom Dia, 25 Go Natural, 295 lojas franquizadas Meu Super e 222 Well's.